

# DE UMA ESTÓRIA SOBRE CORPOS, TERRITÓRIOS E R-EXISTÊNCIAS: O ALEGRE CANTO DA PERDIZ, DE PAULINA CHIZIANE<sup>1</sup>

Joranaide Alves Ramos  
Sávio Roberto Fonseca de Freitas

**Resumo:** A literatura moçambicana é um lugar de resistência contra as práticas colonizadoras e neocoloniais porque inscreve a luta anticolonial do seu povo por meio de temas como ancestralidade, memórias africanas, colonização e violências. Pensando sobre isso, selecionamos *O alegre canto da perdiz* (2008), de Paulina Chiziane (1955), que narra a saga de Serafina, Delfina e Maria das Dores, três gerações marcadas pela prostituição em um contexto tomado pela colonização portuguesa. O texto, dividido em quatro momentos, é um estudo exploratório, com procedimento bibliográfico e com natureza qualitativa, baseado, principalmente, em Haesbaert (2021), Calligaris (2006), Hudson-Weems (2020), Secco (2010) e Ballestrin (2013). Entendemos, com isso, que os corpos das personagens elencadas e sua terra são territórios que simbolizam múltiplas e complexas formas de resistências e de existências dos grupos subalternizados.

**Palavras-chave:** Colonização. Corpos. *O alegre canto da perdiz*. Paulina Chiziane. R-existência. Prostituição. Terra.

**Abstract:** Mozambican literature is a place of resistance against colonizing and neocolonial practices because it inscribes the anti-colonial struggle of its people through themes such as ancestry, African memories, colonization, violence. With that in mind, we selected *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), by Paulina Chiziane (1955), which tells the saga of Serafina, Delfina and Maria das Dores, three generations marked by prostitution in a context taken over by Portuguese colonization. The text, divided into four moments, is an exploratory study, with a bibliographic procedure and with a qualitative nature, based mainly on Haesbaert (2021), Calligaris (2006), Hudson-Weems (2020), Secco (2010) and Ballestrin (2013). We understand, therefore, that the bodies of the characters listed and their land are territories

---

1 Título em língua estrangeira: "From a story about bodies, territories and r-existences: O alegre canto da perdiz, by Paulina Chiziane".

that symbolize multiple and complex forms of resistance and existence of subaltern groups.

**Keywords:** Colonization. Bodies. The joyful song of the partridge. Paulina Chiziane. R-existence. Prostitution. Earth.

## Considerações iniciais

A literatura moçambicana é um lugar de resistência contra as práticas colonizadoras e neocoloniais porque inscreve a luta anticolonial do seu povo, ora diretamente, ora por meio de temas que podem parecer desinteressantes, como os sonhos, a ancestralidade e as memórias africanas, mas que, por sua vez, contribuem para a defesa da identidade nacional. Nesse ambiente, idealiza-se e mantém-se o projeto de moçambicanidade, uma atitude política, histórica e cultural de resistência aos colonialismos que atravessaram e atravessam Moçambique.

Desse contexto, elegemos *O alegre canto da perdiz* (2008), de Paulina Chiziane<sup>2</sup> (1955). O Romance narra a saga de Serafina, Delfina e Maria das Dores, avó, mãe e filha, três gerações marcadas pela herança de prostituição tomada, neste caso, como possibilidade de sobrevivência, em um

---

2 Paulina Chiziane, vencedora do Prêmio Camões (2021), nasceu em Majacaze, vila de Moçambique, mas ainda criança se mudou com sua família para a capital, Maputo. Atuou na Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) pela independência (1975) de seu País e de uma organização não governamental, o Núcleo das Associações Femininas da Zambézia (NAFEZA). Foi a primeira mulher a publicar um romance em Moçambique, *Balada de amor ao vento* (1990), consagrando-se como escritora com *Niketche: uma história de poligamia* (2001). Suas obras trazem mulheres negras protagonistas, críticas aos costumes, reflexão sobre as condições femininas, atenção às pluralidades culturais por meio de uma linguagem profundamente lírica.

contexto marcado pela colonização de Moçambique por Portugal. O enredo foi lido considerando o atravessamento que fazem a prostituição e (por conseguinte ou primeiramente) a colonização nas vidas das três personagens mencionadas e a concepção de que seus corpos e sua terra são (ou se tornaram) territórios de r-existência.

Este é, portanto, um estudo exploratório, com procedimento bibliográfico e com natureza qualitativa, baseado, principalmente, em *Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na “América Latina”*, de Rogério Haesbaert; *Prostituição: o eterno feminino*, de Eliana Calligaris; *Mulherismo africana: Recuperando a nós mesmos*, de Hudson-Weems; “De sonhos e afetos: percursos da poesia moçambicana”, de Carmen Secco; “América Latina e o giro decolonial”, de Luciana Ballestrin; *As prostitutas na História*, de Nickie Roberts, entre outros.

O texto está dividido em quatro partes centrais. “Prostituição: uma herança de espinhos” apresenta um panorama sobre a prostituição, sobre suas raízes e sobre sua ligação com o processo de subalternização de gênero; “Serafina, Delfina e Maria das Dores: três mulheres e uma sina” trata diretamente sobre a trama principal de *O alegre canto da perdiz*, relatando como as personagens principais se

tornam mulheres prostituídas; “Prostituição e Colonização dos corpos e da terra” faz uma abordagem sobre as perdas de Serafina, Delfina e Maria das Dores e o uso de seus corpos e da terra; “Salvação dos corpos e da terra” apresenta como os vazios dos corpos daquelas personagens são preenchidos. “Corpo e terra como possibilidades de r-existência[s]” apresenta a perspectiva de como os corpos das mulheres e a terra se tornaram territórios de resistência e de existência para superar as violências decorrentes das diversas formas de colonização a que foram submetidas.

### **Prostituição: uma herança de espinhos**

As sociedades patriarcais sustentam polaridades que sobrepõem diversos grupos em detrimentos de outros. Por exemplo, homens, brancos, heterossexuais, com segurança financeira sempre terão vez e voz em relação às demais pessoas que não estejam dentro desse padrão requerido, em parte, pela lógica colonizadora que instituiu violentamente a dominação de terras e de gente, impondo a esta um sistema de exclusão e de silenciamento, especialmente, às mulheres. De um modo geral, as mulheres negras foram/são ainda mais desvalorizadas e, entendidas, durante o processo de colonização efetiva como mão-de-obra e força reprodutora que geravam novos “objetos” de posse e de controle.

Essas ideologias apoiadas por outros mecanismos, como religiões e as renovações dos costumes, deram aos homens daquele grupo dominante já referido, o direito aos espaços públicos e políticos, ligados à produção de bens e de tomada de decisões e relegaram as mulheres ao claustro, lugar de reprodução. Os corpos controlados foram vistos de diversas formas pelas sociedades; conforme Isabel Casimiro (2014), nesse contexto, as mulheres brancas eram virtuosas, as mulheres negras eram hipersexualizadas e promíscuas, já os homens negros eram violadores. A colonização de África foi sustentada por todas essas questões que marginalizam muitas pessoas, em especial, as mulheres, até hoje.

Estes problemas permeiam a sociedade de Moçambique, país que conquistou sua Independência Política em 1975 apenas. A busca pela liberdade, pela desopressão e, conseqüente [re]constituição da identidade nacional, se deu pelas mãos de homens e de mulheres, que também buscavam sua emancipação, apoiada pela Frente de Libertação de Moçambique – Frelimo, que contou com a importante atuação de Paulina Chiziane. Mas é claro que a união nesta Luta Armada contra o colonialismo não diluiu as desigualdades sociais e de gênero naquele País.

Segundo Casimiro (2014), em muitas áreas, as relações entre mulheres e homens não sofreram mudanças.

Guardadas as exceções, inclusive aquelas que apontam sobre o acesso das mulheres ao Parlamento, por exemplo, a divisão sexual do trabalho é discriminatória. Além da luta fora de casa, muitas mulheres precisam cuidar do lar e dos filhos, não têm acesso às escolas, enquanto muitos homens têm emprego formal e são remunerados por isso. Essa organização social é fundamentada, ainda, em grande parte do País, especialmente, na faixa colonizada por Portugal, pela importância da constituição de uma família nuclear, com chefe de família e mãe/dona-de-casa (lugar interdito ao desejo, nas palavras de Eliana Calligaris, (2006), por ser um lugar de doação, de sacrifício), em desfavor de tudo aquilo que represente a desordem, como a prostituição, por exemplo, tida, muitas vezes, como um lugar reservado às mulheres que não foram bem-sucedidas com um casamento.

Trata-se de um viés moralista que impõe o comportamento mais adequado para a sociedade, baseando-se, principalmente, nas regras determinadas pelo grupo dominador que, inclusive, estabelece o modelo de sexualidade no qual o homem precisa de sexo e as mulheres precisam se resguardar para um único homem e, para resolver este impasse, institui-se a prostituição daquelas mulheres consideradas putas, imorais, indecentes – que

são diferentes das honradas –, embora, outros grupos, por necessidade ou voluntariados, também tenham reforçado este mercado ainda marginalizado. No entanto, a Prostituição como é entendida atualmente tem outras raízes.

Alguns países buscam regulamentar, ou já o fizeram, a situação dos/das trabalhadores/as do sexo, mas este não é o caso de Moçambique. Lá, a prostituição é vista pela ótica da desigualdade entre mulheres e homens. Ana Álvarez (2012), apesar de tratar de outro contexto, aponta que a maior parte das mulheres prostituídas são vítimas de uma sociedade injusta e patriarcal que as domina e as violenta através de pessoas que podem pagar. Estas não têm relação com as causas que levaram aquelas mulheres até ali que, por sua vez, não são sujeitos, são objetos oferecidos às fantasias e ao gozo de outrem, mercadorias expostas ao comprador. Também por isso, as mulheres prostituídas são vistas como impuras, são estigmatizadas pelo próprio modelo social que as coloca neste lugar.

Contrário a isso, as mulheres já tiveram posição central na história da humanidade e isso ia muito além de seu poder de fertilidade. Segundo Nickie Roberts (1998), na Idade da Pedra, a mulher representava criação, preservação e destruição de toda a vida e, ocupando esta posição tão privilegiada e

poderosa, exerciam controle sobre sua sexualidade e sobre a natalidade, configurando aquilo que entendemos como sociedades matriarcais e matrilineares. Por volta de 3000 a.C., alguns homens, conscientes de sua importância para a procriação e de sua relação com a economia, invadiram aquelas sociedades e subjugaram aquelas mulheres. Assim, as sacerdotisas xamânicas, ligadas a Grande Deusa criadora, e que entendiam o sexo como sagrado e como força da vida, liderando, inclusive, rituais de orgias, foram, aos poucos, destruídas pelos sacerdotes. Para Roberts, este é o começo da Prostituição.

Paulo Ceccarelli (2008) aponta que tudo indica que não havia o conceito de prostituição nas sociedades em que o sexo é entendido de modo diferente ao do Ocidente, a exemplo, das sociedades poligâmicas desatreladas do conceito de propriedade privada, daquelas em que as meninas passam por iniciação ao atingirem a puberdade e daquelas que não ligam sexo ao pecado.

Ainda que a prostituição seja uma construção histórica, modelada pelas sociedades ao longo do tempo, para Nalu Faria, Sonia Coelho e Tica Moreno (2013), há algo inalterado. A prostituição combina aspectos das relações econômicas, religiosas, da família e da sexualidade das sociedades que

a agência e separam ricos e pobres, controla o trabalho, o corpo e a sexualidade das mulheres; tal controle fundamenta as práticas da prostituição e movimentam este setor. Essa construção histórica e social respalda outra concepção, a da sexualidade. Esta estruturação se dá de modo diferente para meninas e meninos.

Enquanto, por muito tempo e na maior parte das sociedades, as meninas foram criadas para sublimar suas sexualidades e esconder os seus corpos, os meninos foram ensinados a falar sobre sexo, a viver suas sexualidades – dentro dos padrões engendrados – e a experienciar seus corpos, mesmo em solitude. Este imaginário edifica uma falsa crença sobre uma suposta diferença entre a natureza sexual das mulheres e dos homens, punindo as pessoas que tenham e expressem desejos diversos ou condutas consideradas anormais. Entendamos a sexualidade, aqui, além de uma atividade sexual consciente, genitalizada, com fins meramente reprodutivos.

De modo geral, há diversos tabus sobre as práticas sexuais, mutáveis no tempo e no espaço, mas quase sempre repressores e conservadores tornam isto ainda mais ferrenho quando o sexo está diretamente ligado à troca de um bem, concreto ou simbólico, por um corpo, quando

o sexo é atrelado à prostituição. As artes sempre tiveram um papel importante para a reflexão dessas questões e, na literatura moçambicana, a figura da mulher prostituída é muito importante desde os tempos coloniais. Francisco Noa (2015) aponta que, antes, esta representação estava atrelada à singularidade, às características sexuais da mulher negra; hoje, esta figura institui um lugar de denúncia, em especial, aqui, na prosa de Paulina Chiziane.

### **Serafina, Delfina e Maria das Dores: três mulheres e uma sina**

A trajetória das três mulheres, Serafina, Delfina e Maria das Dores, nos apresenta a história de África, metonimicamente representada pela Zambézia, a partir da perspectiva do patriarcado e o importante papel do feminino para a criação da humanidade, embora marcado pela prostituição, que transforma o “corpo das filhas em celeiro e dinheiro” (CHIZIANE, 2008, p. 22). Maria das Dores é a primeira mulher apresentada em sua longa caminhada solitária, em busca de seus três filhos perdidos trinta anos antes, resgatados por militares durante a guerra colonial e criados por uma freira. Sua descrição é:

Há uma mulher nua nas margens do rio Licungo. [...] Há uma mulher na solidão das águas do rio. Parece que escuta o silêncio dos peixes. Uma mulher jovem. Bela e reluzente como uma escultura maconde. De olhos

pregados no céu, parece até que aguarda algum mistério. [...] Uma mulher negra, tão negra como as esculturas de pau-preto. Negra pura, tatuada, no ventre, nas coxas, nos ombros. Nua, assim, completa. Ancas. Cintura. Umbigo. Ventre. Mamilos. Ombros. Tudo à mostra [...]. Nesta cidadela pacata, [...] Uma mulher nua é notícia de primeira página. [...]. Quem é essa mulher que tem a coragem de se banhar no lugar privado dos nossos homens [...]? (CHIZIANE, 2008, p. 05)

Por quebrar as regras locais, Maria das Dores passou a ser conhecida como “A louca do rio” e sua nudez representava maus presságios para aquela comunidade, ideias desfeitas pela mulher do régulo. Delfina, personagem principal e mãe de Maria das Dores, é apresentada para esclarecer a genealogia daquela mulher e o percurso que a levou àquele lugar. Trata-se de uma mulher profundamente marcada pela colonização e, por isso, rejeita sua cor, sua língua, sua religião, sua comida e, desejou, desde a infância, ser assimilada, o que só consegue depois de se casar com José dos Montes, seu primeiro esposo e pai de Maria das Dores. Delfina, então, diz sobre como chegou a ser quem é:

Por culpa da minha mãe que me fez preta e me educou a aceitar a tirania como destino de pobres e a olhar com desprezo a minha própria raça. Por culpa do Simba, meu amante e teu marido, que me alimentou de feitiços e fantasias destrutivas. Por culpa da

natureza que me deu beleza sobre todas as mulheres. Por culpa do José, pobre e preto, que me alimentava de farinha e peixe seco, enquanto eu, Delfina, queria bacalhau e azeitonas. A culpa é do Soares, que me elevou aos céus e me largou no ar. A culpa foi minha. Por ter desejado ser o que jamais poderia ser. A culpa é do mundo, que me ensinou a odiar. (CHIZIANE, 2008, p. 16)

Ao longo da narrativa, vemos um pai omissos – em parte por sua cultura –, um primeiro marido – sua instituição conjugal – que cede aos caprichos de Delfina para não perder o seu amor; um feiticeiro – Simba – sua instituição sexual – que, em troca de riqueza, ajuda-a a realizar seus sonhos de grandeza e a conquistar, inclusive, um homem branco e rico que sustenta seus filhos (os negros e os mulatos, estes considerados de raça melhorada pela mãe pela possibilidade de aceitação e ascensão sociais) e lhe enche de bens materiais. Seu sonho de prosperidade é interrompido pela partida de Soares, sua instituição financeira, que não aceita os preconceitos, intolerância racial e apego ao dinheiro por parte de Delfina. Mas Delfina não está neste lugar por querer:

Tudo por causa daquele dia em que a mãe a atirou como uma gazela na jaula de um carnívoro. O velho branco estava no quarto escuro esperando por ela. Segurou-a. Apalpou-a. Sugou-a. A mãe sorria lá fora,

tomando um copo de vinho e esperando por ela. Foi um momento de conflito intenso, em que não conseguia entender a alegria da mãe perante o pecado original. (CHIZIANE, 2008, p. 29)

Sua vida foi atravessada por aquela entrega feita por sua mãe, Serafina, em troca de comida. Toda a comunidade, adultos, crianças, freiras, rejeitava sua presença porque seu corpo é o da “mais bela negra, mais bem vestida, mais apetecível [...] um corpo sem segredos, que se pega, que se paga, que se monta e se desmonta” (CHIZIANE, 2008, p. 29-30). Por tudo isso, Delfina se sente “nada”, não pôde estudar, não pôde sonhar, é motivo de zombaria e tratada como criminosa. Contra a marginalização, Delfina precisa se prostituir:

Se o corpo da mulher se gastasse eu já não teria nada lá dentro, de tanto vender à procura de sustento. [...] Finjo, por orgulho, que sou feliz. [...]. Cada homem que me sobe é uma pá de terra que me cobre [...]. Não se pode ser boa moça num mundo de injustiça. Numa luta desigual, vale mais a pena a rendição que a resistência. O que querem eles de mim? Que me levante ao cantar do galo para ir semear arroz? Que me entregue nas plantações de palmeiras como escrava, para receber no fim da canseira uma chávena de sal? Não! Prefiro oferecer as doçuras do meu corpo aos marinheiros e ganhar moedas para alimentar a ilusão de

cada dia. A natureza deu-me um celeiro no fundo do meu corpo. Uma mina de ouro. Para explorá-la com trabalho duro [...]. Não é fácil suportar o gemido convulsivo de qualquer um sobre o meu corpo, expelindo-se, renovando-se, libertando-se. (CHIZIANE, 2008, p. 30)

A prostituição foi necessária para Delfina que precisa sair da pobreza, do apagamento. Culpa por isso seu pai que disse não à assimilação e a sua mãe que a iniciou nos segredos do travesseiro. Embora Delfina espalhe orgulho e felicidade por seu trabalho, é possível ver, ao longo do romance, tristeza e diversas tentativas de fuga, fato que nos remete à Calligaris (2006, p. 45), que pensa a prostituição “como uma possibilidade de que o seu corpo se endureça a partir de suas próprias mãos [...], uma retomada de poder; nesse momento de sua vida é ela e não ‘os outros’ quem decide como o seu corpo vai se endurecer, se oferecer, se maltratar, se punir”. A negociação e a violação de seu corpo lhe deram a oportunidade de existência e de sobrevivência econômica. O seu valor comercial era bem maior que o pagamento recebido no exercício de outros trabalhos ditos femininos.

Suas escolhas foram, em alguma medida, influenciadas por sua mãe, primeiro pela necessidade, depois por almejar o bem-estar de toda a família, obtido por meio do embranquecimento de seus descendentes, mudança

de hábitos e acesso a bens materiais. Para tanto, não importavam os meios. Por isso, Serafina, depois de negociar sua filha, questionou sua escolha por um homem negro e condenado:

– Delfina, perdeste o juízo? [...] – No teu sim reside todo o destino. Pensa muito, antes de dar este passo. [...] – Pensa também em mim. És o meu pão e o meu sustento. Uma dor antiga regressa e pousa suavemente no ventre de Serafina. A mesma dor que se prolonga desde o nascer do mundo, quando os filhos abandonam o ventre, abandonam os braços, abandonam a casa, abandonam a terra. (CHIZIANE, 2008, p. 36)

Não é justo julgar Serafina sem antes conhecer sua história. Ela é, também, uma mulher profundamente marcada por aquele contexto e, por isso, não acredita no amor para mulheres negras que devem se casar por encomenda ainda muito jovens e podem ser violadas a qualquer momento. No entanto, Delfina apaixonada por José, desobedece a sua mãe e casa-se com seu amado. Embora seu marido muito fizesse para agradá-la, Delfina quer mais e, com a intervenção de Simba, Soares assume a sua família por longos anos. Sua partida desencadeia a repetição da história. Em nome de uma vida melhor, Delfina negocia, “sem pestanejar” (CHIZIANE, 2008, p. 96), com Simba a virgindade de Maria da Dores:

– Dou-te a virgindade da minha filha.

– O quê? És capaz?

A resposta dói, por isso não diz nada. Porque não é fácil entregar a própria filha a um bruxo que também é seu amante. Sente nojo de si própria. E jura que esse acto, se for consumado, deverá ser rápido. Pouco tempo e pronto. Mas ela esquece que a fracção de segundo é a marca mais importante do tempo. [...] No seu entendimento vale mais a pena uma vítima em casa do que vitimar a família inteira. Não se arrepende. Na sua terra a mulher é peça que se compra e se vende. Selo de contrato. Moeda de troca. Hipoteca. Multa. Sobrevivência. Ela também foi usada pela própria mãe, na infância distante [...] (CHIZIANE, 2008, p. 91)

A sina do corpo vendido passa de geração em geração daquela família, bem como o desejo de salvação de todas elas, mas Maria das Dores tinha um diferencial. O seu pai branco lhe deixou uma fortuna e, por isso, ela interessava a Simba que, para selar o direito sobre aquela herança, pensava em casar assim que a pequena completasse maioridade, além de “encher-lhe o ventre de filhos” (CHIZIANE, 2008, p. 91). Arrependida e redescobrimdo o amor por Maria das Dores, Delfina pensa em protegê-la depois de pagar a dívida:

O homem ergue-se e segura Maria das Dores pela mão. Arrasta-a com firmeza até ao interior da palhota com uma máscara de vitória no rosto. Já estava preparado, de armas limpas e posicionadas para o combate. Foi directo à acção sem palavras inúteis.

Lança sobre ela toda a energia de um homem no auge da vida, pássaro sedento na frescura do lago. Mergulha. Era o criador amassando o barro, moldando uma escultura à medida da sua inspiração. Ser mulher é mesmo assim, não custa. [...]. O acto é violento, frio, com todos os requintes de um martírio. [...]. Do outro lado Delfina treme, encharcada de medo e suor. Ela ouve tudo. O grito da filha. Os gemidos do homem. O grunhido de uma bestialidade saciada. A princípio sorriu, pensando na dívida saldada. Maria das Dores era um bicho caçado, era pasto, sangrando no cativo. Mas também se entristece. Aquela filha já era mulher. Uma mulher que veio dela. Herdeira dos seus genes, do seu destino e dos seus amores endiabrados. Que aguardava o fim da tortura naquele acto de sexo iniciação, sexo vingança, sexo negócio. (CHIZIANE, p. 2008, p. 95)

Simba não permite que Maria das Dores vá embora. Agora, ela faz parte de um casamento poligâmico. “O homem vai usá-la. Gastá-la. Abusá-la. [...] — Ela ficará aqui. Para sempre” (CHIZIANE, 2008, p. 96). A menina, prostituída pela mãe, sem infância e sem inocência, se viu sozinha, abandonada pelos pais e pela mãe. Maria das Dores paga duplamente por sua prostituição: com o corpo e com o seu dinheiro. Simba diz que cuidará dela como marido e como pai e ameaça destruir toda a família da menina em caso de fuga.

Naquele momento, a vida de Maria das Dores já era insignificante porque não era pura, porque foi manchada, foi

desonrada, “colocam pedregulhos em teu corpo [...] tiraram a existência, a vida e o sonho, ninguém te acode e todos dizem que não vale a pena” (CHIZIANE, 2008, p. 100). A prostituição foi para mãe e filha, em alguma medida, opressão, exclusão e violência, embora tenha tirado Delfina do anonimato e lhes dado “história, referência”:

Delfina vê em si uma heroína. Não encontra nenhum mal em todos os seus actos. Deu uma lição a toda a gente. [...] Inverteu as regras do jogo. Se ela tivesse sido uma boa menina, seria apenas mais uma mulher entre as outras. [...]. Foi a primeira negra com casa electrificada. A primeira com uma casa de cimento coberta de zinco no bairro dos negros. Foi dela o primeiro homem branco a residir no bairro dos negros. Foi ela a primeira negra a residir no bairro dos brancos. [...] Que desafiou brancos, desafiou o sistema, entrou na guerra, ganhou e perdeu, e pela vida se perdeu. (CHIZIANE, 2008, p. 101)

O trecho é uma autorreflexão que faz Delfina se manter firme. Sua filha encontra outros meios para isso. Maria das Dores foi ensinada pelas outras esposas de Simba a beber, a fumar, a conviver com a sujeira, a suportar o marido de quem já dependia, até que decidiu fugir, “com a cabeça cheia de medos e sonhos” (CHIZIANE, 2008, p. 104), levando consigo Rosinha, Benedito e Fernando, seus três filhos, sem medo de morrer porque já tinha morrido diversas vezes. Sua

peregrinação era em busca do pai negro, mas não deu certo. Então, outra morte lhe foi imposta: Maria das Dores perdeu os seus filhos. Sua busca incansável a levou até o Rio Licungo, o seu destino.

Aquela família foi marcada por uma violência que passou de uma geração a outra. Distantes daquela cultura, vemos uma [não] relação de abandono atravessando aquelas três mulheres, mas em nome de um zelo pela família, em especial, no caso de Serafina e de Delfina. Na concepção de John Bowlby (1989), isso configura uma espécie de distorção do comportamento funcional de cuidado. O pai e a mãe de Delfina deveriam ser o seu objeto de apego, desenvolvendo nela confiança e coragem para experienciar o mundo; mas, diferente do que deseja, a garota precisa conviver com a figura de um pai consciente de sua raça, que não quer para si e para a sua família as mudanças trazidas pela colonização e adquiridas através da assimilação e prefere lutar por suas tradições e por seu território, por isso, não vê razão para os sonhos de Delfina, uma mulher negra que deseja ser outra, “uma cidadã de segunda categoria” (CHIZIANE, 2008, p. 56). A ancoragem nas tradições faz do pai (homem sem nome) de Delfina um sujeito esnobado por sua filha. Seus desejos são possíveis mediante a proteção diferente de sua mãe, o que a leva a buscar uma saída para sua sobrevivência.

Privada da maternagem básica, já prostituída, excluída por sua comunidade, Delfina, como quaisquer pessoas, deseja o amor e os cuidados que nunca teve, pelo menos como esperamos e, embora se esforce para mostrar o oposto, sua vida é fundamentada no medo, na angústia e na raiva. Além disso, Serafina impõe à filha a obrigação de ser seu sustento, invertendo os encargos. Delfina foi abusada e rejeitada, de algum modo, “e perpetua o ciclo de violência familiar, continuando a responder às situações sociais com os mesmos modelos de comportamento desenvolvidos durante a infância” (BOWLBY, 1989, p. 95).

Convicta da inferioridade racial das pessoas negras, desejando ter tudo aquilo que não teve ou lhe foi negado, Delfina repudia Maria das Dores e Zezinho, seus dois filhos de pai negro; é amorosa e zelosa com Jacinta (negada, em certa ocasião por seu pai branco e, inicialmente, generoso e redentor) e Luisinho, seus filhos mulatos. No entanto, talvez, Delfina nem soubesse o que estava fazendo ou se omitindo. Delfina era produto daquele regime, da violência familiar e dos cuidados, ao nosso ver, equivocados. Ela criou Maria das Dores, sua primogênita, para ser

obediente, trabalhadora incansável, servente do bar, cozinheira, vendedeira de pão no mercado do subúrbio, que cuidava da higiene da casa e das crianças, que tudo

fazia para a Jacinta estar livre e estudar sem interferência. A filha que suportava as birras maternas sem reclamar, porque era negra e não tinha pai. (CHIZIANE, 2008, p. 100)

A vida de Maria das Dores fica mais difícil quando seu pai branco vai embora, pois Delfina se entrega aos bares, novamente à prostituição, abrindo, depois, um prostíbulo para vender virgindades; sua única saída seria o suicídio. Salva pelos vizinhos, Maria das Dores tornou-se moeda nas mãos de sua mãe. Como em um ciclo, Delfina faz à Maria das Dores o que Serafina lhe fez.

A ausência de José dos Montes foi, sempre, um peso para Maria das Dores. Para ela, sua vida teria sido mais fácil se ele tivesse ficado por perto, mas ele não suportou a traição de sua amada, por quem fez tudo, inclusive, voltar-se contra os seus, quando cedeu ao regime, assimilou-se e tornou-se sipaio; antes, “sem pai, nem mãe, nem eira, nem beira, nem esperança” (CHIZIANE, 2008, p. 27).

### **Prostituição e Colonização dos corpos e da terra**

A prostituição aparece no romance de Paulina Chiziane, sob duas perspectivas: para Delfina é promessa, firmada por sua mãe, e somente através dela foi possível existir; para Maria das Dores, é castigo que fez dela uma moeda de troca, retirou-a do seio familiar e a fez perder três filhos.

As três mulheres organizam suas vidas e a prostituição em torno daquilo que lhes falta. Este caráter pode ser dirigido à perspectiva de colonização que fabrica o colonizado e dar a ele a “chance” de não ser castigado, tornando-se um assimilado, como na narrativa analisada e fazendo da colonização uma promessa de vida melhor. Porém, em *O alegre canto da perdiz*, prostituição e colonização fazem do outro um subalterno.

Há, na narrativa, diversas perdas ou usos diferentes do socialmente esperado dos corpos e da terra. Delfina e Maria das Dores se movem, como dissemos, em torno do que lhes falta; aquela deseja ascensão social e a outra busca o retorno ao seio familiar. A prostituição e a colonização violentas de seus corpos são caminhos que devem ser percorridos para atingir os seus desejos e remendar as suas perdas. A ascensão social e o seio familiar foram constituídos, simbolizados e, por isso, não podem ser vistos separados daquelas mulheres e sua busca será o motivo para sua integração, para sua existência. Serafina, por sua vez, também buscou a ascensão de família por meio da prostituição de sua filha e negando o seu povo à medida que não aprovou o casamento de Delfina com um homem negro e, portanto, condenado.

Consoante a Tiago Santos (2015) que parte da leitura do *Anti-Édipo*, de Deleuze e Guattari (1972), entendemos

que a repressão colonial pode ter origem no Complexo de Édipo. Pai (e mãe, neste caso) e colonização são, pois, castradores e impositores da lei, restando àquelas mulheres sucumbirem ou resistirem ao que lhes foi imposto. Todas, como vimos, resistiram e sucumbiram às colonizações internas e externas, de algum modo; mulheres e terra foram apropriadas e expropriadas.

A história da Zambézia, espaço onde se passa o Romance e uma espécie de microcosmo de África, é culturalmente diverso, pois é fundado no cruzamento, na mestiçagem de africanos, de portugueses, de árabes e de indianos e, por isso, separa as pessoas política, econômica e socialmente por sua raça e por seu gênero, impondo a escravização aos nativos e a escravização real e simbólica às mulheres negras. No entanto, *O alegre canto da perdiz* conta que nem sempre as mulheres foram subalternizadas naquelas sociedades, ou seja, tal submissão só se deu após tomada de poder pelos homens. A história contada pela esposa do régulo confirma esta versão: “Ó gente, ela veio de um reino antigo para resgatar o nosso poder usurpado. Trazia de novo o sonho da liberdade” (CHIZIANE, 2008, p. 8). Ou seja, a narrativa, também, em alguma medida, representa o desejo de um lugar utópico, onde as mulheres têm vez e voz.

Maria das Dores (e não é por acaso que esta personagem é assim nomeada) e Delfina são instrumentos que esclarecem o jogo das colonizações do corpo e da terra. Aquela é, desse modo, uma agente de restituição do poder das mulheres, naquela sociedade matriarcal, enquanto Delfina ergue uma família e uma casa etnicamente plurais e usa o seu corpo, por meio da prostituição, para seduzir os portugueses colonizadores. Estas duas mulheres negras, por sua condição social e de gênero, têm espaços específicos e marginalizados por onde podem circular; seus corpos são erotizados, prazenteiros, impudicos e transitam em uma sociedade patriarcal e colonial que molda o corpo do Outro que degrada a moral (SANTOS, 2015). As duas são oprimidas pelo estado e por suas mães, mas Maria das Dores é, também, oprimida por Simba, o homem que comprou sua virgindade.

Para sobreviver, Delfina se impõe contra o seu pai, que representa as tradições culturais daquele povo, coloca o seu corpo como mercadoria – dentro do sistema de troca proposto pela colonização –, ao tempo que nega os corpos negros: o seu, o de sua primogênita e o de seu primeiro companheiro, José dos Montes. Este último fato reflete a ordem colonial: os corpos negros servem, exclusivamente, como mãos-de-obra, diferente de Jacinta, filha mestiça de Delfina e Soares, nascida com vistas ao “melhoramento” da raça.

Em *O alegre canto da perdiz* existem, como é notório, vazios simbólicos dos pais. O pai de Delfina representa a voz de sua cultura que, por sua vez, não corresponde aos desejos da protagonista; assim, não raro, sua voz e seus conselhos são ignorados. Os pais de Maria das Dores, José dos Montes e Soares, não suportam os lugares que ocupam na vida de sua mãe e vão-se embora. Estes espaços são preenchidos pelas mães e as relações desencadeadas são conflituosas, mas não é possível encontrar vítimas e algozes, apenas tristezas e outros vazios que se perpetuam e se repetem por três gerações. Nesta narrativa, aquelas mulheres não podem oferecer as suas filhas aquilo não tiveram, o que não alcançaram em suas vidas, embora pudessem, segundo Adriana Lima (2010), tentar construir outra história, outra herança, diferente daquela que foi inconscientemente depositada na geração seguinte.

Serafina projeta sua vida e sua possibilidade de subsistência e ascensão em Delfina e usa o corpo dela para isso; Delfina repete suas experiências na criação de sua filha, impondo-lhe lugar de servidão, devido a sua cor, e prostituindo-a. Delfina-filha e Maria das Dores, inseridas nos projetos narcísicos das mães, ouvem-nas e se tornam aquilo que suas mães moldaram, uma vez que desejavam ser aceitas por elas que, poderosas, marcaram os corpos

de suas filhas. Processo semelhante ocorre com a relação colonizador-colonizado, na obra: para ser aceito naquela sociedade, é necessário ceder ao processo imposto pela colonização; para aqueles que não são condescendentes, resta a marginalização.

Maria das Dores, jogada em um casamento poligâmico, decide fugir para tentar uma sobrevivência. A mulher foge e leva consigo seus três filhos. É a existência deles que torna Maria das Dores uma pessoa diferente do que foram sua avó e sua mãe, uma vez que desejava, inconscientemente, negar a herança recebida. No entanto, perde seus filhos e sua falta unifica suas duas dimensões – mulher e mãe – naquilo que a comunidade chama de A Louca do Rio.

As três mães parecem encarceradas, sem direito à própria vida e isso é reflexo de sua não-identificação com as mulheres que são, antes de serem mães. Pelo contexto em que se insere o romance, é necessário pensar que a colonização daquele lugar também contribuiu com a subalternização e falta de autoconhecimento por aquelas mulheres que viram em seus filhos e, portanto, na maternidade, uma possibilidade de salvação.

*O alegre canto da perdiz* apresenta as guerras de fora e de dentro de casa, bem como as armas que precisaram

ser engatilhadas em procura de paz. Há, nesse sentido, a representação das colonizações das pessoas e da terra, bem como de sua prostituição. Os corpos das mulheres e o corpo da terra foram, então, os principais artifícios utilizados, por meio do assujeitamento, para sua automanutenção, reparando as perdas: das mulheres acerca do que fizeram ao longo da vida e de toda a comunidade no que diz respeito aos impactos causados pela colonização.

### **Salvação dos corpos e da terra**

Contrária a todos os desamparos e desencontros, a narrativa, no entanto, adquire um desfecho de remissão e de libertação, algo que não é tão inesperado na obra de Paulina Chiziane que, com profunda consciência ecológica, se dedica a refletir sobre os abalos da colonização, da escravidão e das guerras, bem como sobre as possibilidades de restituição dos laços familiares e comunitários.

Essa concepção é fundada nos paradigmas do Mulherismo Africana que considera as manifestações naturais das mulheres africanas, suas experiências, suas lutas, seus desejos, a unidade cultural daquele povo, unificando fronteiras, centrada na coletividade, na igualdade de gênero, na equidade, na centralidade familiar (HUDSON-WEEMS, 2020). Não por acaso, Delfina se reconcilia com

José dos Montes e com seus quatro filhos; Maria das Dores com Simba e juntos se encontram com seus filhos perdidos. O encontro para o perdão acontece no Monte Namuli, idealizado, na obra, como o lugar de origem, o ventre da humanidade e para onde todas as pessoas voltarão e retomando o mito das sociedades matriarcais e matrilineares. Para isso, todas as dores, todos os amores, todas as desumanizações são retomados:

Maria conta. Histórias de pretos, brancos, mestiços debaixo do mesmo tecto, residentes do mesmo ventre. Histórias de negócios e de feitiços. Histórias de violência, de violação, de sexo, de entorpecimento. História dos partos inconscientes, de ciúmes e de poligamia. Conta factos sobre trajectórias, sofrimento e ansiedade. Do preço da virgindade para saldar dívidas de negócios. Fala das curvas de nível de todos os calvários que conheceu. Do curso das águas nos vales e nos montes. Das estradas, das aldeias, cidades e vilas que percorreu [...]. A paz assume o comando, no trono de pedra, e Delfina abraça todos os filhos e todos os netos. Reina um violento silêncio. São o passado e o presente beijando-se nas invisíveis fronteiras do futuro. Delfina cerra os lábios e balança. No peito, a mais doce canção de embalar. (CHIZIANE, 2008, p. 114-123)

A colonização da terra e o conseqüente embate entre as culturas africana e portuguesa são representados pela violência e pela prostituição que incidem sobre os corpos

das mulheres e ambas, terra e mulheres, precisam se submeter àqueles processos quando precisam sobreviver. Na luta por esta sobrevivência, Serafina, Delfina e Maria das Dores travam duras batalhas dentro e fora de suas casas, dentro e fora de si e alcançam, de algum modo, tudo aquilo que procuraram, embora trinta anos passados e, por isso, já diferentes. Os vazios são preenchidos através dos [re]encontros, em especial, entre mães e filhas que, pela primeira vez, conseguem se ver através das lentes do amor e daquele modelo de maternagem idealizado, porque “Enquanto [uma mãe] embala o filho, também se embala” (CHIZIANE, 2008, p. 124).

Serafina, Delfina e Maria das Dores denunciam suas histórias por meio do silêncio que, por sua vez, só pôde ser quebrado mediante prática da prostituição e, depois, pelo desabafo de suas mágoas e restabelecimento dos laços familiares. A cura se deu pela fala, conforme conceito de Anamélia Gonçalves (2010 apud Boehmer, 1993). Os corpos silenciados pelas colonizações e vozeados pela prostituição e pela revolta causada por seus danos e conseqüente redenção fizeram daquelas mulheres sujeitos de sua história, do eu, recentralizando a mulher naquela sociedade, mostrando como seus corpos e sua terra são territórios de r-existências.

## **Corpo e terra como possibilidades de r-existência[s]**

Semelhante ao que ocorreu no Brasil durante o processo de independência, Moçambique teve/tem a colaboração das artes para arquitetar a identidade cultural do seu povo, tão exotizado pelo mundo ocidental. Sobre isso, Secco afirma que a literatura produzida naquela nação corresponde a uma espécie de “consciência revoltada” (2010, p. 3), decidida a [re]tomar suas raízes e memórias anteriores à colonização, refutando “a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (RIBEIRO, 2017, p. 36). Destaca-se, pois, a literatura produzida por mulheres que revela, também, a luta de mulheres por espaços públicos e políticos.

A reinscrição de África, artística e crítica, pela literatura feita por mulheres é um importante fundamento para o projeto de moçambicanidade, herança histórica e anticolonial da resistência, da luta por libertação e necessidade de criação de um sujeito coletivo (como fizeram outras nações submetidas à colonização), traçada, inclusive pela FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), embora grande parte do projeto não tenha se realizado (NGOENHA, 1998) e tenha sido fortemente combatido, exigindo articulação entre os grupos populares e intelectuais.

Consciente da importância e da potência de sua voz, Chiziane representa, nessa obra, corpos e terra como territórios que foram subjugados, transgredindo poética e politicamente os discursos hegemônicos, autorrepresentando-se e representando seus pares. Para quaisquer povos, especialmente para aqueles colonizados, o conceito de território é uma herança do modelo capitalista, moderno, colonial, extrativista e, portanto, de devastação, que coloca em risco suas vidas e seus espaços privados e públicos, simbólicos e concretos e, por isso, precisam ser [re]pensados, [re]significados como garantia da manutenção da vida e da cultura local.

As metáforas sobre colonização elencadas durante a leitura de *O alegre canto da perdiz* inscrevem aquilo que Haesbaert (2021) chamou de característica fundante da colonialidade do poder: o espólio escravista e patriarcal e seus efeitos, tais como as violências de classe, de raça, de gênero, de língua e de religião, ao tempo que dá voz aos invisibilizados e subalternizados e suas formas de saber, a partir da inscrição de um território-corpo, o de África, e um corpo-território, o das mulheres, entendidos aqui como “territórios de r-existência” (HAESBAERT, 2021), isto é, múltiplas e complexas formas de resistência (e existência) que se manifestam da/na terra, do/ no corpo de grupos subalternizados.

Para pensar o corpo feminino como um território, é necessário refletir sobre a imposição de outrem sobre ele. Não raro, ele é entendido como propriedade de terceiros – especialmente, quando se trata de corpos negros –, seja do Estado ou de suas ferramentas de controle, como a Igreja e o homem e, em alguns casos, até de outras mulheres. Ou seja, se o corpo feminino precisa ser controlado, significa que ele é um lugar, um território político, de poder e de resistência que, de alguma forma, ameaça quem o reprime.

Os corpos-territórios de Serafina, Delfina e Maria das Dores estavam marcados pelas mais diversas violências, confirmando que “o corpo só se torna força útil se é, ao mesmo tempo, corpo produtivo e corpo submisso” (FOUCAULT, 1984, p. 28), como requerem os modelos impostos pelas sociedades patriarcais.

Isto significa que o corpo do território e o território do corpo são objetificados, sujeitados e manipulados conforme a utilização econômica que lhes é conferida. Estes territórios, o corpo e a terra, principalmente, os corpos das mulheres e de outros grupos divergentes das imposições sociais são modelados pelas relações de poder que impõe o/os grupo/s a que pertencem e, por conseguinte, a sua valorização positiva ou negativa.

Os corpos das três personagens não eram lugares seguros. Eles foram (e muitos ainda o são) vistos como um sinal de permissão para a invasão, um território público e livre para exploração, como uma extensão das terras que são colonizadas. Contrapondo-se, pois, às violências, às colonialidades e às regulações, esse enredo inscreve a necessidade da reconstituição da dignidade daquelas mulheres, sistematicamente marcadas pelo patriarcado, pelo racismo, pelo sexismo e consequente prostituição.

Pensar a terra e o corpo como territórios auxilia, pois, na reflexão sobre a contribuição de Chiziane para com o projeto de moçambicanidade, a partir de uma ótica decolonial, de uma voz narrativa que deixa claro o fato de que colonialismo não é um evento histórico vencido. A obra de Chiziane é, ao nosso ver, “uma atividade política e um ato corporal”, um “giro decolonial”, ou seja, “um movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade” (BALLESTRIN, 2013, p. 105). Sua atuação consciente no projeto de moçambicanidade contribui para a criação de um mundo diferente, no qual os africanos deixam de ser o Outro, desumanizado e animalizado, e passam a serem sujeitos de sua própria história.

## Considerações Finais

Através de personagens femininas complexas, como Serafina, Delfina e Maria das Dores, de seus conflitos e de seus desejos, bem como da projeção da história da Zambézia matriarcal, foi possível estabelecer um paralelo entre a prostituição, herança transmitida entre as gerações, e a colonização daquele país e, por conseguinte, dos corpos daquelas mulheres.

Nesta narrativa, a prostituição não se deu por escolha, mas pela necessidade de comer e de obter um lugar social e, através dessa representação, foi possível refletir sobre as subjetividades femininas, mágoas, prazeres e sonhos, estruturados dentro do seio familiar/matriarcal e, de algum modo, instituídos pelas mães, enquanto seus pais estavam ausentes real ou simbolicamente.

Embora a prostituição tenha permitido Delfina a sair da marginalização e da opressão imposta pela própria prostituição e da exclusão que a prática lhe trouxe, esta experiência causou vazios imensuráveis àquelas mulheres. Paralelo a isso, portugueses e moçambicanos instituíam batalhas com armas de colonizadores e escudo de colonizados. Por isso, entendemos que a prostituição em *O alegre canto da perdiz* também representa os processos

de colonizações europeia naquele país e de gênero sobre as mulheres negras.

Corpos e terra são explorados, sendo a prostituição e a colonização violentas caminhos duros que precisam ser percorridos para que os desejos de Serafina, Delfina e Maria das Dores sejam alcançados e suas perdas (de si e de outrem) sejam rearranjadas, não sem antes ver desfeitos os laços entre mães e filhas. Aquelas mães não puderam, antes da redenção vista, ofertar outra herança as suas filhas, porque não tinham outro legado. Maria das Dores, a louca do rio, tentou se afastar da tradição, mas recebeu a condenação que lhe foi destinada: marginalizada por sua cor, prostituída por sua mãe, falida como mãe e, é retomando sua derrota que vemos a maternagem arrebatada e a prostituição instituída naquele romance; o mesmo ocorre com a Pátria colonizada e, portanto, arrasada e prostrada.

A queda da família pela presença das mães e pela ausência dos pais, os prejuízos causados pela prostituição representam a colonização moçambicana, bem como, a aniquilação daquelas personagens como mulheres. A salvação se dá porque o romance está fincado nos paradigmas do Mulherismo Africana que vê a família em uma posição central naquela comunidade. Ou seja, as perdas começam na

família e, circularmente, voltam-se a ela para sua reparação.

Essa territorialização do discurso de Chiziane é uma forma de resistência importante para o seu povo e, aqui, foi refletida através das categorias, corpo e terra e como territórios de r-existência, considerando o processo de colonização que se apropriou de bens simbólicos e concretos, utilizando-os conforme as necessidades do sistema de domínio. Essas categorias inscritas no romance nos permitiram pensar em território[s] diverso[s] e em múltiplas e complexas formas de resistência e de existência que se manifestam da/na terra, do/no corpo, de grupos subalternizados.

### Referências

- ÁLVAREZ, Ana de Miguel. La prostitución de mujeres, una escuela de desigualdad humana. *Revista Europea de Derechos Fundamentales*, v. 1, n. 19, 2012.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 11, p. 89-117, 2013.
- BOWLBY, John. *Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego*. Tradução de Sonia Monteiro de Barros. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- CALLIGARIS, Eliana dos Reis. *Prostituição: o eterno feminino*. São Paulo: Escuta, 2006.
- CASIMIRO, Isabel. *Paz na terra, guerra em casa*. Recife: Editora UFPE, 2014.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Prostituição – Corpo como mercadoria. *Mente & Cérebro – Sexo*, v. 4, dez. 2008.
- CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*. Portugal: Editorial Caminho, 2008.

DOVE, Nah. *Mulherismo africana: Uma teoria afrocêntrica*. *Jornal de Estudos Negros*, v. 28, n. 5, 1998.

FARIA, Nalu; COELHO, Sonia; MORENO, Tica. Prostituição: uma abordagem feminista. *Sempre Viva Organização Feminista*, 2013. Disponível em: [https://br.boell.org/sites/default/files/prostituicao\\_uma\\_abordagem\\_feminista.pdf](https://br.boell.org/sites/default/files/prostituicao_uma_abordagem_feminista.pdf). Acesso em: 01 dez. 21.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GONÇALVES, Anamélia Fernandes. *Corpos transfigurados: Representações dos corpos na ficção de Paulina Chiziane*. 2010. 109f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São João Del-Rei, Minas Gerais, 2010.

HAESBAERT, Rogério. *Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na “América Latina”*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLASO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, 2021.

HUDSON-WEEMS, Cleonora. *Mulherismo africana: Recuperando a nós mesmos*. São Paulo: Editora Anense, 2020.

LIMA, Adriana de Melo. *Do pulso que ainda pulsa a mãe que não consegue amar a filha: Ensaio sobre o ódio materno*. 2010. 129f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

NOA, Francisco. *Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária*. São Paulo: Editoria Kapulana, 2015.

RIBEIRO, Djamilia. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento. Justificando, 2017.

ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na História*. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1998.

SANTOS, Tiago Ribeiro. *Entre tralhas e traumas de Guerra: O gesto testemunhal da escritora Paulina Chiziane*. 2015. 147f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. De sonhos e afetos: percursos da poesia moçambicana. *Revista Cerrados*, v. 19, n. 30, p. 143-156, 2010.

### **Joranaide Alves Ramos**

Doutoranda em Letras – PPGL (UFPB).

Mestra em Estudos Literários – PPGLL (UFAL).

Bolsista Capes. Membro do Grupo de Pesquisa MOZA (Moçambique e Africanidades), cadastrado no CNPq e certificado pela UFPB.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2699948907792180>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0046-5436>.

E-mail: [joranaide.alvesramos@gmail.com](mailto:joranaide.alvesramos@gmail.com).

### **Sávio Roberto Fonseca de Freitas**

Doutor em Letras pela UFPB.

Professor de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras do CCAE-UFPB (Campus IV) e do Programa de Pós-Graduação em Letras do CCHLA-UFPB (Campus I).

Líder do Grupo de Pesquisa MOZA (Moçambique e Africanidades), cadastrado no CNPq e certificado pela UFPB.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6320246955492429>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7541-3377>.

E-mail: [savioroberto1978@yahoo.com.br](mailto:savioroberto1978@yahoo.com.br).